



DOI: 10.2436/20.8070.01.21

As interfaces entre o patrimônio cultural africano do bairro do Cabula em Salvador-BA e a perspectiva dos seus moradores.

4

Paulo Henrique Oliveira

Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano- Universidade Salvador UNIFACS, Brasil.
Professor da Escola de Negócios, Direito e Hospitalidade - ENDH/UNIFACS
Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS.
E-mail: paulo.turismo@yahoo.com.br

Carolina de Andrade Spinola

Doutora em Geografia pela Universidade de Barcelona, Espanha.
Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano-
Universidade Salvador, UNIFACS, Brasil
Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS
E-mail: cas.spinola@gmail.com

Renato Barbosa Reis

Doutor em Biotecnologia, Saúde e Medicina Investigativa - Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano-
Universidade Salvador, UNIFACS, Brasil
Membro do Grupo de Pesquisas em Turismo e Meio Ambiente – GPTURIS
E-mail: georeis@gmail.com

Resumo

Salvador é conhecida como a maior cidade africana fora da África. O atual bairro do Cabula foi um importante quilombo da Cidade no período escravocrata e por ainda apresentar reflexos dessa ocupação, reveste-se de um valor histórico que merece ser estudado. Este artigo é o resultado de uma pesquisa que objetivou identificar o patrimônio cultural de origem africana existente no bairro e analisar como ele se faz presente no cotidiano da comunidade. Para tanto, utilizou-se dos procedimentos da pesquisa bibliográfica, documental e de levantamento. Partiu-se do pressuposto de que o patrimônio cultural em questão deve estar destinado ao usufruto da comunidade e inserido em sua vida cotidiana. No entanto, concluiu-se que os bens culturais de origem africana presentes no Cabula não são reconhecidos nem valorizados pelos moradores do bairro, fato que é reforçado pela ausência de políticas públicas que valorizem este tipo de patrimônio e por um processo de urbanização segregadora. Essa pesquisa contribui para a proposição de novos olhares sobre a realidade

urbana e cultural de Salvador, através do fortalecimento de sua memória cultural vinculada ao patrimônio de origem africana.

Palavras-Chave: Cabula, Cultura, Patrimônio, Herança Africana

1 Introdução

O patrimônio é uma construção cultural que, segundo Ferreira (2006), evoca o sentido de permanência do passado. Essa permanência, contudo, longe de um mero sentimento de nostalgia romântico, constitui-se em um elo de ligação da comunidade com a sua história, capaz de fortalecer o sentimento de pertença e de mobilizar novas dinâmicas sociais.

Entende-se por patrimônio aquilo que se considera significativo, no plano da representação da identidade, e que, por este motivo, deve ser objeto de proteção. Todavia, o que se percebe em muitas cidades contemporâneas é que parcela representativa destes bens culturais¹ tem sido deixada à margem do processo de expansão urbana e das políticas culturais, cortando-se, desta forma, quaisquer possíveis vínculos com a população que os rodeia (SILVA, 2014).

De acordo com Canclini (2001, p.65), as políticas públicas dessa natureza existem para cumprir um programa de intervenções pensado e realizado em conjunto seja pelo Estado, por entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades da população, mas também para promover o desenvolvimento dessas representações simbólicas e assim colaborar com o reconhecimento dos mais variados estilos e origens disponíveis.

A importância da herança africana em Salvador é inquestionável. Reconhecida como a cidade mais negra fora do continente africano, as manifestações religiosas e artísticas e os hábitos e costumes trazidos pelos escravos são influências étnicas de variadas procedências na configuração urbana da cidade (SOARES, 2011). No entanto, questiona-se sobre a devida relação desse patrimônio com o dia-a-dia de seus moradores. Isto porque, a ausência de políticas públicas patrimoniais efetivas compromete a incorporação dos valores culturais advindos da herança africana na Cidade.

A partir dessa perspectiva, o bairro do Cabula é o recorte geográfico de Salvador que apresenta subsídios para análise dessa problemática. Atualmente, ele costuma ser associado, apenas, ao seu caráter residencial e comercial pujante, tendo sua relevância simbólica, de cunho étnico, pouco conhecida e valorizada. Partindo deste entendimento, a proposta deste artigo é identificar o patrimônio cultural de origem africana presente no Cabula e verificar em que medida ele é reconhecido e valorizado por seus moradores.

O trabalho está organizado em quatro seções, além dessa Introdução. A primeira seção traz a fundamentação teórica sobre o patrimônio como expressão da cultura. Em seguida, discorre-se sobre a história do bairro do Cabula e suas ligações com as matrizes africanas, incluindo a descrição do seu patrimônio cultural. Na seção três são analisados os resultados

¹Os bens culturais são historicamente associados à noção do sagrado, de uma memória a ser preservada e cristalizada. No Brasil, nas últimas décadas, a concepção de bens culturais vem se transformando na direção de um bem público que fundamenta a identidade de uma sociedade, que faz parte do cotidiano das pessoas e da esfera pública (ARAÚJO et. al. 2011). Sinteticamente, o termo designa um bem destinado ao usufruto de comunidades, que surgiram por meio da acumulação contínua de uma gama de objetos e práticas que se consagraram por seu passado histórico relevante (CHOAY, 2001).

obtidos com a pesquisa de campo, que buscou correlacionar os bens culturais do Cabula e a percepção dos moradores. Por fim, a última seção traz as conclusões.

2 O patrimônio como expressão da cultura

Para Ferreira (2006), o vocábulo patrimônio é um léxico contemporâneo que abrange uma gama de expressões cuja característica principal é a multiplicidade de sentidos e definições que a elas podem ser atribuídos. Essa é uma palavra plural que, em sua essência, reúne uma série de contradições quanto à sua definição e que ganha, cada vez, mais espaço no cotidiano. Ele evoca o sentido de permanência do passado.

Como a percepção do passado pode mudar de acordo com a realidade do presente, naturalmente o entendimento sobre a importância e os usos do patrimônio pode, também, ser distinto ao longo do tempo (ABADIA, 2010). Compreender o patrimônio de forma diferente faz parte do processo evolutivo da sociedade, não absorvê-lo na vida cotidiana ou mantê-lo marginalizado são os riscos que enfrentam todos aqueles que lidam com a sua preservação.

O patrimônio consiste em uma construção cultural, logo, um jogo de escolhas, um espaço de conflitos, que pode ser herdado ou reivindicado como tal por seu valor simbólico. Na amplitude de categorias abarcadas pelo termo, este artigo aborda o Patrimônio Cultural, ou seja, aquele construído pelo homem, em suas expressões material e imaterial.

Para que um bem seja considerado como patrimônio histórico por determinada comunidade é imprescindível que haja um vínculo com a ação e a memória dos diferentes grupos formadores daquela sociedade. Acrescenta-se que essa correlação entre patrimônio, memória e ação é uma característica importante na busca por um melhor gerenciamento das fontes de cultura de uma grande cidade.

Os bairros que possuem um legado histórico peculiar devem ter seu patrimônio resguardado no processo de expansão urbana. As mudanças não podem ser arbitrárias a ponto de promover uma perda de memória cultural e de identidade nos seus moradores, como esse estudo assumiu que tenha acontecido no bairro estudado.

Para tanto é necessário abandonar a limitada forma de gerir a cultura local e compreender que as necessidades para a expressão dessa cultura, presente nos mais diversos bairros, não estão prefixadas, nem são neutras ou resguardam-se naturalmente. Elas dependem daqueles que agem no campo político e cultural, são o resultado da compreensão histórica da formação da cidade, do significado cultural de um determinado bem e de uma articulação social democrática, onde não haja saberes, fazeres e nem bens materiais “ignorados”.

Essa limitação já se apresenta como uma realidade em Salvador expressa, por exemplo, no fato de determinados roteiros culturais, que tem o papel de representar e apresentar a cultura da cidade, terem tido poucas alterações ao longo dos anos, sendo os mesmos há quase cinco décadas. Assim, os bens culturais contemplados são sempre os mesmos, disponíveis em bairros centrais como Barra, Vitória e Centro Histórico.

Estes bairros, mais organizados do ponto de vista urbanístico, abrigam a elite econômica da Cidade e reúnem a maioria dos monumentos de origem portuguesa e também concentram a maior quantidade de bens culturais tombados² (MAGNAVITA, 2007).

²O tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bem de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo da população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados (BOGÉA, 2007, p.32).

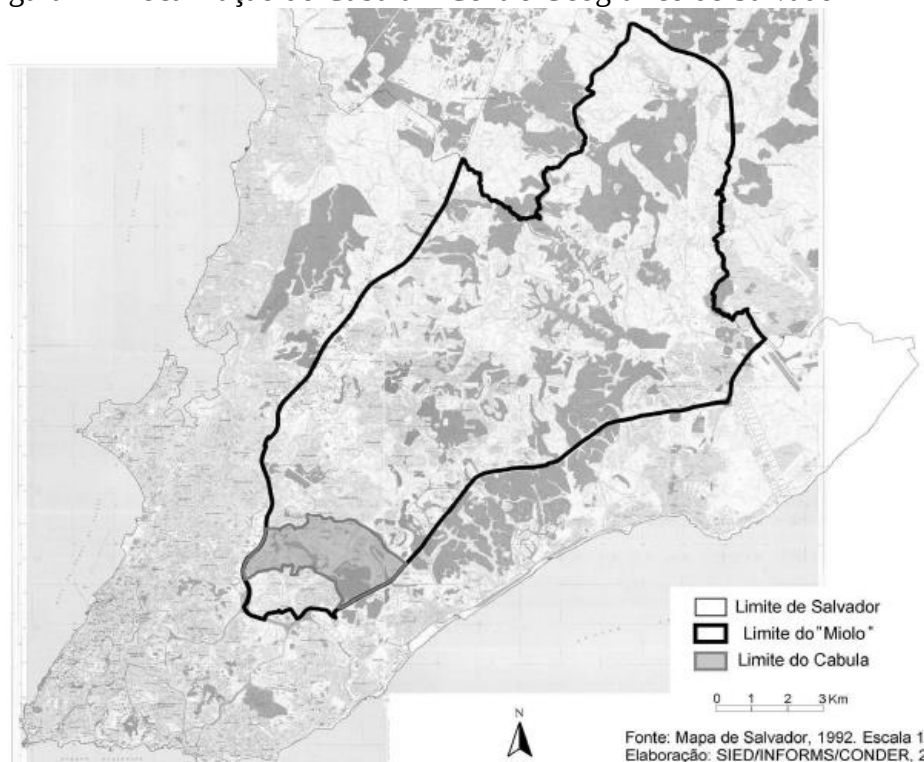
Enquanto isso, o patrimônio cultural de origem africana disponível no bairro do Cabula, tão representativo quanto os já citados, sobrevivem à margem dessa fruição, com poucos recursos financeiros, pulverizados em meio ao crescimento urbano e com seus valores pouco incorporados pelos seus moradores.

Nesse contexto, reforça-se, que o papel do patrimônio cultural no meio urbano deve ser reconhecido de forma clara, principalmente, à medida que o crescimento das cidades pode representar uma ameaça à sua manutenção. Se a importância da cultura estiver submissa aos novos elementos urbanos que se apresentam nas cidades contemporâneas ela não sobreviverá aos processos de reestruturação das cidades. E o que estará disponível para as gerações futuras será um patrimônio que caracterizará apenas o interesse da economia urbana atual e não exercerá seu sentido de formação da identidade cultural.

3 Cabula: patrimônio disfarçado de bairro

O bairro do Cabula localiza-se no centro geográfico de Salvador e é um dos bairros que compõem o conhecido Miolo da Cidade, conforme mostra a figura 1. Os primeiros habitantes da área que deu origem ao bairro do Cabula foram os índios tupinambás, seguidos dos africanos.

Figura 1 – Localização do Cabula – Centro Geográfico de Salvador



Fonte: (Fernandes, 2005)

O termo “Cabula” tem origem no idioma Bantu, falado em uma região africana situada entre os atuais países do Congo e Angola, e significa mistério, culto religioso, secreto e escondido (FERNANDES, 2003). É também o nome pelo qual foi chamada, no Estado da Bahia, uma religião sincrética que passou a ser conhecida pelo seu caráter secreto, com o fim da escravidão, no final do século XIX. Tratava-se de uma prática afro-católica, envolvendo correlação entre imagens de santos católicos com os Orixás, herança da fase reprimida nas senzalas dos cultos africanos, onde os antigos sacerdotes mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo para conseguirem praticar e perpetuar sua fé (NICOLIN, 2007).

No final do século XIX, com a libertação dos escravos, a religião Cabula já era amplamente presente entre a população afro-brasileira de Salvador. Na época, o ritual deveria ser mantido em segredo, por pacto feito entre eles. Há inúmeros fatos ligados aos adeptos como prisões e torturas para que revelassem os segredos religiosos. A longevidade da religião Cabula ocorreu, inclusive, por conta desse pacto da sociedade negra com a sua religião (NICOLIN, 2007). As perseguições vinham desde a época em que era um culto velado, pois a Cabula era usada pelos negros como força de resistência.

Na grande área do atual bairro do Cabula localizaram-se diversos quilombos, com destaque para o Quilombo do Cabula, famoso pela sua importância nos acontecimentos revolucionários da época. Ele era conhecido por localizar-se numa área de grande riqueza natural, em meio à densa Mata Atlântica, o que favorecia a existência de esconderijos através da construção de postos de vigilância, de proteção territorial. (SILVA, 2010).

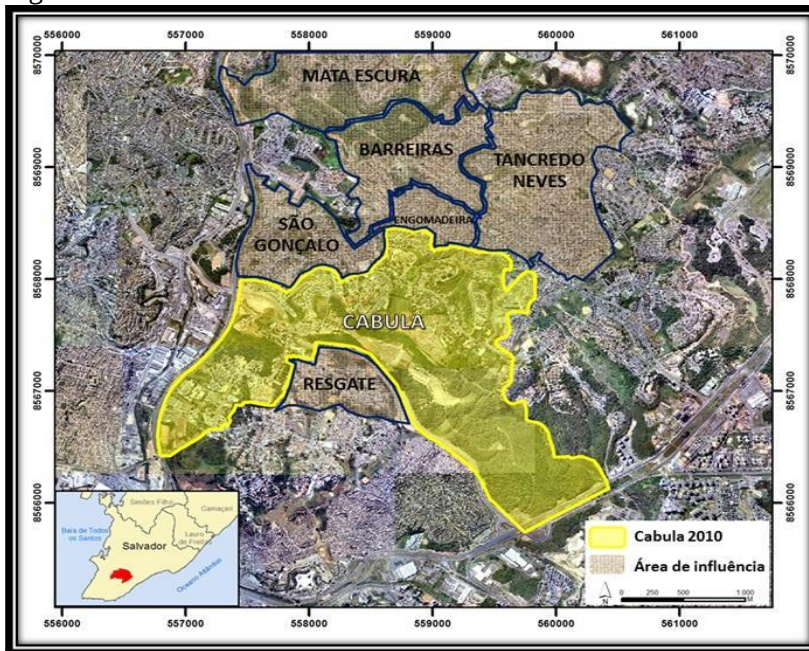
Foi em quilombos como o Cabula que os ancestrais africanos recriaram a África. Tal característica foi elemento importante para a manutenção dos costumes e para o enraizamento cultural na sua nova terra, a Bahia. (REIS, 2003). Para ilustrar a relação entre o bairro e os cultos de matriz africana vale acrescentar que “o primeiro registro baiano da palavra candomblé, designando um local de culto africano, foi em 1826, em um documento policial que se referia precisamente a um terreiro no Cabula” (FERNANDES, 2003, p. 169). Como reflexo de tal dado, pode-se perceber, ainda nos dias de hoje a presença significativa de diversos terreiros de candomblé no bairro.

Ao longo de sua história, o Cabula foi sofrendo transformações significativas, notadamente a partir da década de 1990, quando o capital imobiliário avançou de maneira mais impactante. Como consequência acelerou-se a construção de condomínios fechados, a degradação dos remanescentes de Mata Atlântica, a pulverização dos seus aspectos tradicionais e culturais e a atração de uma nova classe econômica (classe média), marcando assim uma nova fase para o bairro (GOUVEIA, 2010).

Tais mudanças ocasionaram novas funções à configuração urbana do Cabula, que se tornou local de intenso comércio, com muita oferta de residências, aumento populacional, trânsito, presença de repartições públicas, dentre outras características, tornando-o um bairro heterogêneo. (GOUVEIA, 2010).

Vale ressaltar que o Cabula já ocupou uma área bem maior no centro geográfico de Salvador e foi sendo recortado para originar outros bairros. Por isso, atualmente, exerce grande centralidade para os bairros mais pobres do seu entorno, o que também justifica a forte relação entre o Cabula e seus bairros vizinhos, inclusive sob o ponto de vista cultural, que é o interesse de enfoque do artigo. A partir desse entendimento, a delimitação geográfica da área estudada é aquela que considera o bairro do Cabula, mas também uma área de influência formada por bairros vizinhos como Engomadeira, Mata Escura, Resgate, São Gonçalo, Barreiras e Tancredo Neves (Figura 2).

Figura 2 - Bairro do Cabula e sua área de influência



Fonte: Elaboração própria com base em Fernandes, 2010 e Santos et. al.

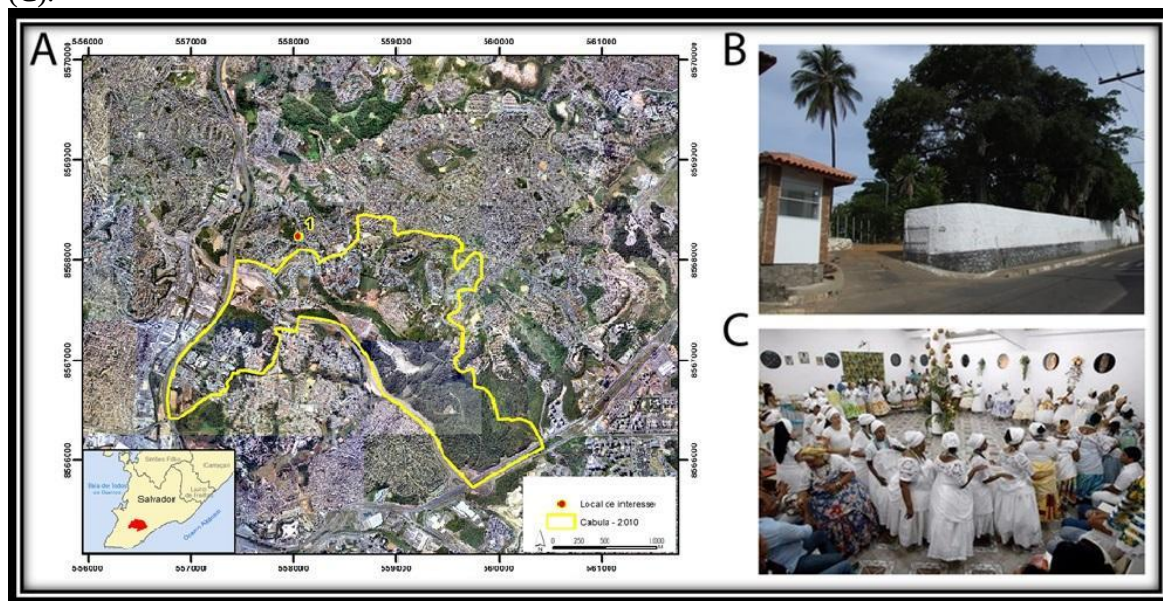
Portanto, enfatiza-se que se optou por uma delimitação geográfica expandida para realizar o levantamento do legado cultural de origem africana presentes no bairro e que estão sintetizados a seguir:

3.1 Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opo Afonjá

Foi em 1910 que a história do terreiro ganhou vida, na figura de Eugênia Anna dos Santos – Mãe Aninha - a primeira responsável pelo terreiro que é regido pelo orixá Xangô e denominado da nação africana Ketu. O terreiro ocupa uma área com cerca de 39.000 m². Sua infraestrutura é composta por várias edificações religiosas, habitações, uma escola municipal, um museu e uma área de remanescente de Mata Atlântica (ver figura 3).

Destaca-se o Museu Ilê Ohum Ilailai, fundado em 1981, um espaço guiado por uma museóloga que conta toda a história do terreiro, que se confunde com a história do negro do Brasil. Lá existem 750 peças originais da época da escravidão. O seu tombamento ocorreu em 28 de julho de 2000 pelo IPHAN e ajudou na manutenção das tradições, porque legitimou seu território e melhorou a intervenção estatal.

Figura 3 – Georeferenciamento do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá (A), Fachada (B) e Culto Religioso (C).



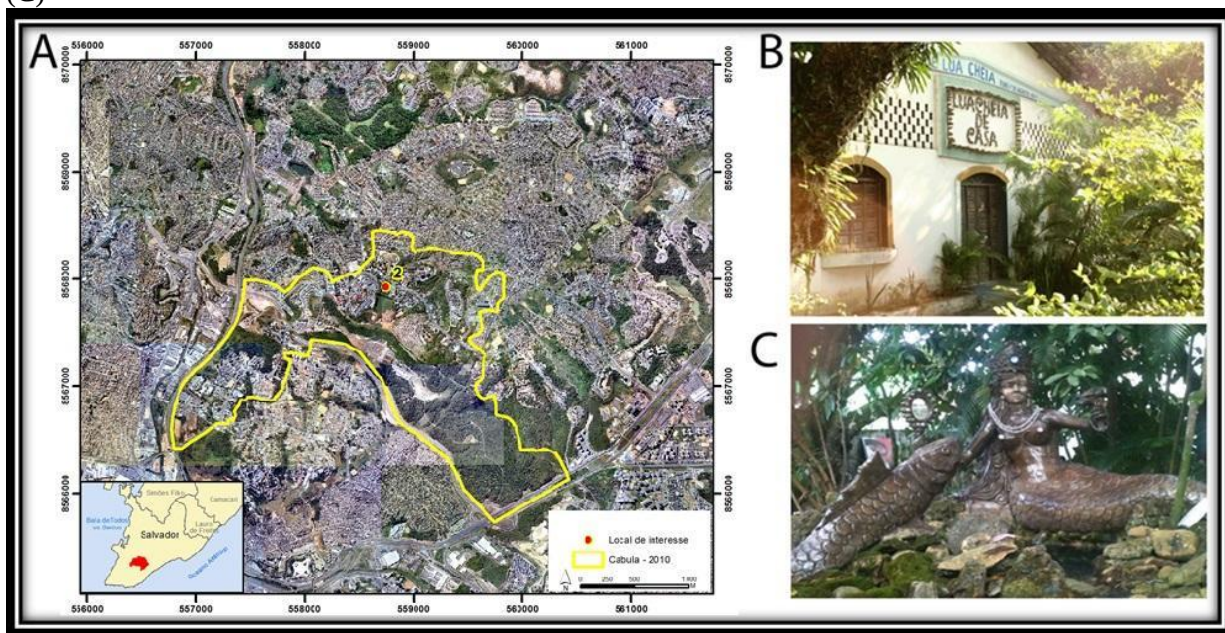
Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014).

3.2 Casa Lua Cheia

É um grande centro de mesa branca de Umbanda sua iniciação no Cabula foi uma necessidade do caboclo (entidade espiritual da instituição) e forças da natureza, que precisavam de uma grande área de vegetação com forte energia espiritual para o desenvolvimento da Umbanda. Na época da sua instalação, segunda metade do século XX, o Cabula era formado basicamente por vegetação, porém muitos indícios da ocupação negra foram encontrados no local (ver figura 4).

Na área foi encontrada uma casa antiga, com mais de 70 anos de existência, que ao ser demolida, apresentou uma grande placa feita de azulejo português com a pintura de uma mulher vestida de baiana e a inscrição “Vila Isaura de Yemanjá”. Na época esse fato remeteu à ocupação negra do local e os fez compreender que aquela área foi escolhida pelo Caboclo por motivos de ancestralidade. Em homenagem a tal fato no local onde foi encontrada a placa, construiu-se uma grande imagem de Yemanjá vista até hoje, sendo um monumento importante do centro.

Figura 4 - Georeferenciamento do Casa de Lua Cheia (A), fachada da Casa (B) e escultura de Yemanjá (C)

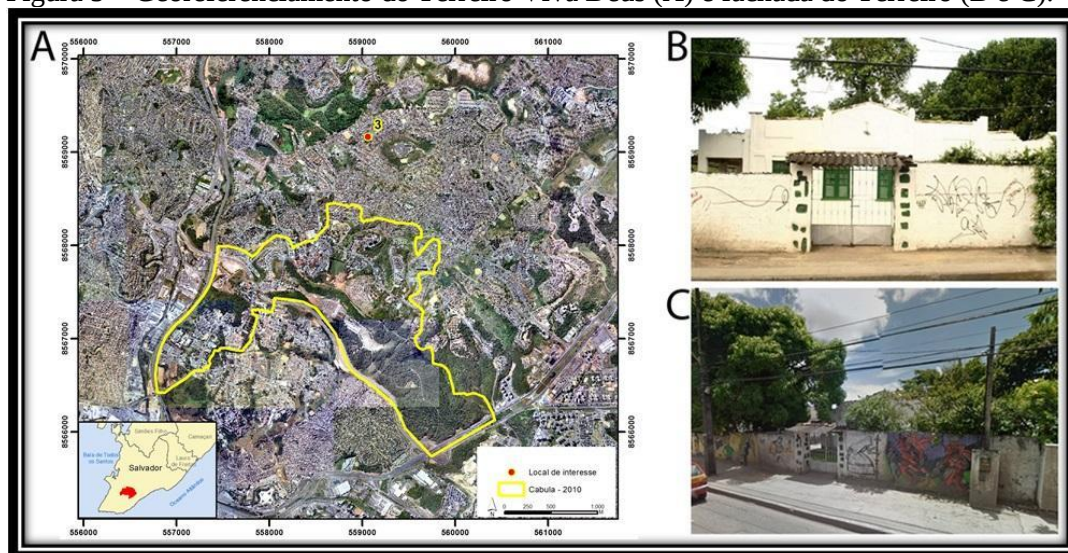


Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014)

3.3 Terreiro Viva Deus

Ele foi fundado em 1946 e é um terreiro de nação Angola com o regente Oxalá. A relação entre o terreiro e a comunidade visa o legado para a comunidade. Eles já cederam uma grande área do terreiro para a construção de um Centro Médico, há atendimento e orientações espirituais dadas gratuitamente (ver detalhes do local na figura 5).

Figura 5 – Georeferenciamento do Terreiro Viva Deus (A) e fachada do Terreiro (B e C).



Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014)

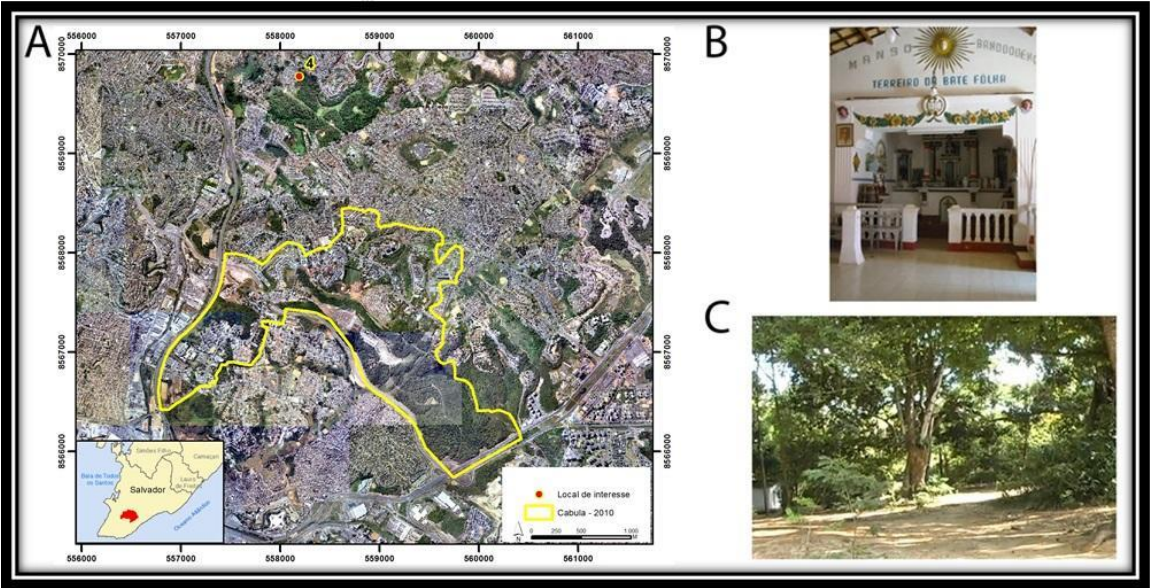
O terreiro busca disseminar e fortalecer sua cultura também através de algumas ações como cursos de corte, costura e bordados que oferecem sem custos num trabalho

desenvolvido pela Sr^a Itana, Mestre do Saber, reconhecida pela Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu (ACBANTU). Não são bordados tradicionais, mas sim ligado aos valores africanos herdados, são bordados Barafunda e Bainhas. Eles são raros e pouco difundidos na Bahia. Essa técnica é um importante elemento cultural que revela a nobreza do vestuário utilizado nas cerimônias do candomblé. Uma peça simples desse material, pode custar até R\$1.500,00, o que poderia traduzir em recursos para a comunidade local e seus espaços de raízes africanas, mas pelo pouco engajamento as ações não repercutem e se perdem com o tempo.

3.4 Terreiro Bate Folha

Surgiu oficialmente em 1916 com o propósito de difundir a cultura africana, representado pelo Sr^o Manuel Bernadino. A área foi uma roça doada por uma das suas clientes como forma de gratidão ao trabalho desenvolvido por ele e tem 155.000 m² (ver detalhes do local na figura 6). No início da instalação foram encontradas nessa área inúmeras tendas e materiais ligados à cultura afro-religiosa deixados pelos negros refugiados que vivam no quilombo do Cabula.

Figura 6 – Georeferenciamento do Terreiro Bate Folha (A), barracão para cultos religiosos e festas (B) e Mata Atlântica (C).



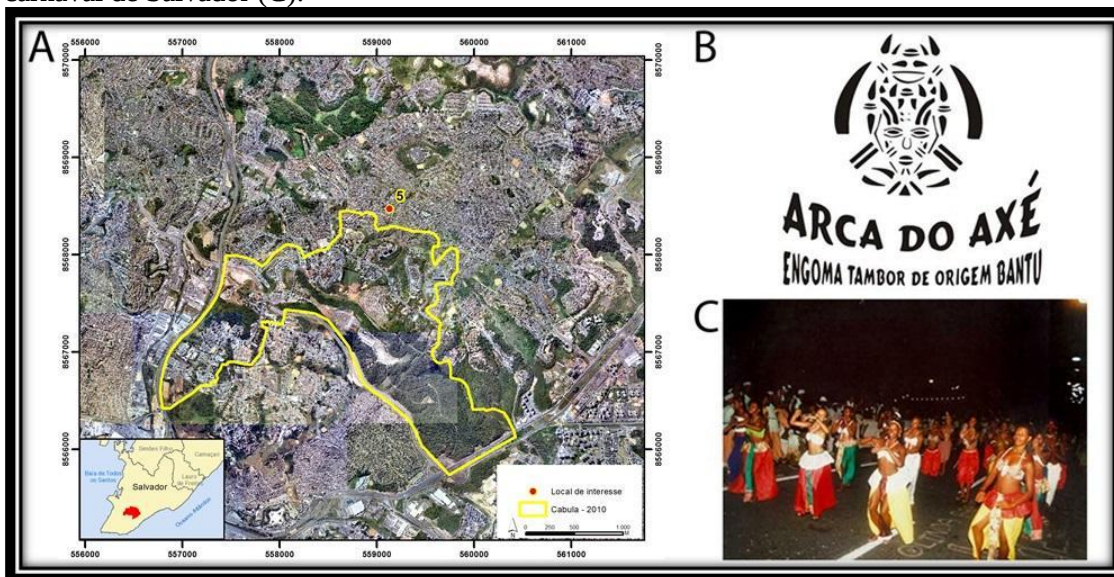
Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014)

Em 2003, com o tombamento do Bate Folha pelo IPHAN, o terreiro começa a fazer grandes obras de melhoramento e restauração da infraestrutura e se fortalece ainda mais como espaço cultural do bairro. Apesar dessa relação positiva com bairro hoje não participam da dinâmica local com nenhum projeto específico. Eles alegam dificuldade no gerenciamento dos projetos, porque para a realização há necessidades que eles não estão preparados para suprir, como alocação de recursos para os novos custos operacionais, mão de obra, segurança e o poder público não contribui de forma satisfatória.

3.5 Grupo Cultural Arca do Axé

Com quase 20 anos de existência, consiste em um grupo de pessoas, inicialmente intitulado de Engenho de Negros, que mobilizou-se para disseminar a cultura afro no bairro, inspirados na ligação que o Cabula tem com o Candomblé (ver detalhes do local na figura 7).

Figura 7 - Georeferenciamento do Grupo cultural Arca do Axé (A), logotipo (B) e apresentação no carnaval de Salvador (C).



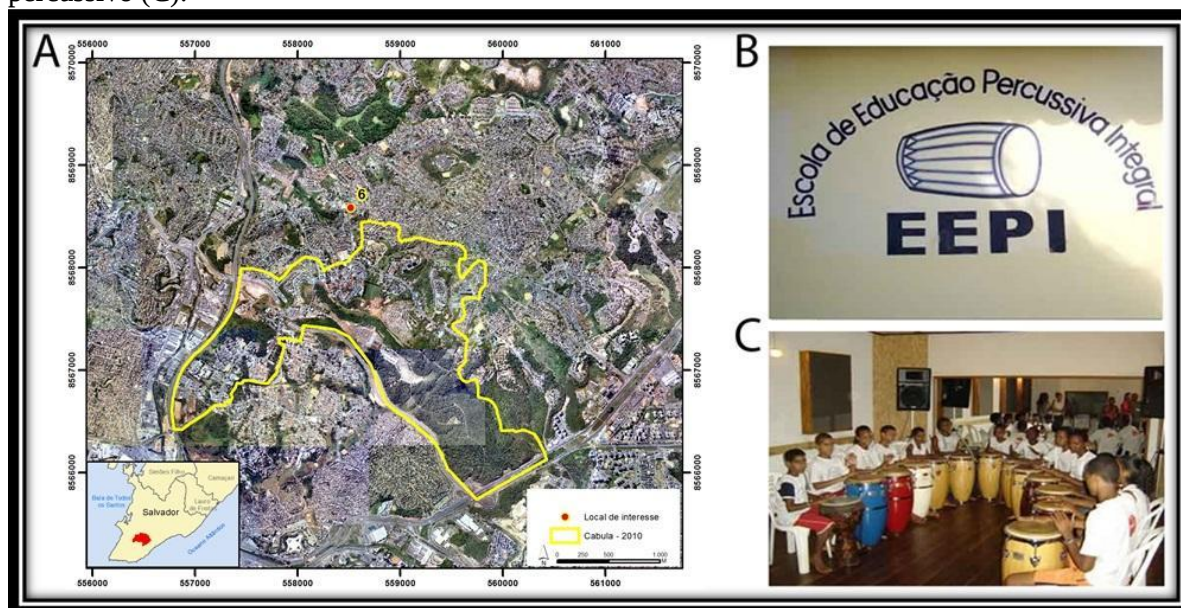
Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014)

O grupo iniciou suas atividades divulgando poesias e poemas sobre o tema. A formação do bloco carnavalesco, assim como toda a missão do grupo Arca do Axé, tem como base a memória dos membros do grupo, que trazem consigo o interesse em resgatar o carnaval e a lembrança de carnavais com ares mais democráticos. Em tudo isso eles veem surgir possibilidades para a “reafricanização” legítima da cultura baiana, com o espaço justo ao de todos os outros.

3.6 Escola de Educação Percussiva Integral (EEPI):

O surgimento da Escola de Educação Percussiva Integral – EEPI, em 2003, está intimamente ligado à presença significativa de afrodescendentes na população local. A história desses afrodescendentes precisava ser preservada, contada e mantida viva diante de um bairro que já mostrava sinais de mudança estrutural. O intuito era tornar as ligações com a africanidade mais presentes no cotidiano dos habitantes da cidade (ver detalhes do local na figura 8)

Figura 8 - Georeferenciamento da Escola de Educação Percussiva Integral (A), logotipo (B) e ensaio percussivo (C).



Fonte: Elaboração própria (SILVA, 2014)

O projeto foi implantado em 2003 e a sede, onde hoje funciona a escola, era uma associação, mas a ligação com os ritmos percussivos africanos e poucos difundidos na Bahia existe desde o começo a ponto de interessar a pesquisadores internacionais que os visitam, participam de turnê internacional em vários momentos do ano.

4. A percepção dos moradores sobre os bens culturais do Cabula

A pesquisa de campo buscou identificar a percepção dos moradores sobre o patrimônio cultural africano do bairro e foi realizada no período de abril a julho de 2014 em duas etapas: a primeira utilizou entrevistas semiestruturadas, realizadas com os representantes dos bens culturais identificados, para levantar os seus aspectos históricos e peculiares; na segunda etapa aplicaram-se questionários aos moradores do Bairro, utilizando-se de uma amostra calculada com base na população da área demarcada na Figura 1, que era de aproximadamente 24.000 habitantes (SANTOS *et al.*, 2010).

Utilizou-se uma distribuição de probabilidade binomial, o que pode ser simplificado através da probabilidade de ocorrer e de não ocorrer um fenômeno, P = probabilidade de ocorrer e q = probabilidade complementar ou de não ocorrer. $P+Q=100\%$, O que torna uma população homogênea ou não é o tipo de problema ou característica que buscamos ou que pesquisamos (GOMES, 2014). A fórmula para calculá-la ficou então definida como:

$$n = \frac{\Theta^2 \cdot p \cdot q}{e^2}$$

. População homogênea implica em $\Theta=1$. Probabilidade de acontecer algo desconhecido $p = 50\%$. Probabilidade complementar $q = 50\%$. Erro máximo admitido $e=5\%$ (caso escolar) $50.50/25= 100$.

Foram aplicados 100 questionários, com 62 questões cada um. O foco foram moradores mais antigos e acima de 18 anos. Em relação ao perfil socioeconômico dos

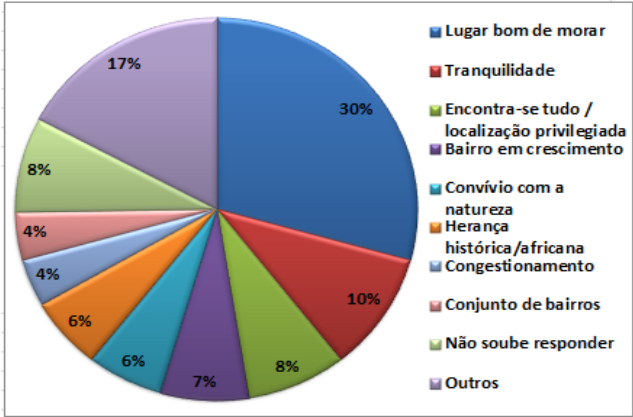
entrevistados considerou-se o gênero, a idade, escolaridade, renda média mensal e o tempo de residência no bairro.

A amostra pesquisada apresentou uma predominância do gênero feminino (54%), e de faixas etárias mais maduras, de 41-50 anos (26%) e 51-60 anos de idade (21%). No que se refere à renda média, o maior registro ficou entre as pessoas que ganhavam de 1 a 3 salários mínimos (41%).³

Já quanto à escolaridade, o “ensino médio completo” predominou com 43% dos entrevistados. Sobre o tempo de residência no Bairro, a maioria dos entrevistados pode ser considerada antiga, residindo no Cabula entre “21-30 anos” e “31- 40 anos” (22% cada um dos grupos).

No que se refere aos objetivos da pesquisa, a primeira pergunta buscou entender a percepção sobre o Bairro a partir da memória afetiva dos entrevistados. Então, questionou-se: “Quando falamos a palavra “Cabula” o que passa pela sua cabeça?” eles responderam na sua maioria que o Cabula é considerado “Lugar bom de se morar” (29%). Essa resposta foi justificada, segundo eles, pela “Tranquilidade” (10%), “Localização privilegiada” (8%), por ser um “Bairro em crescimento” (7%), “Convívio com a natureza” e “Herança africana” (6%), conforme o Gráfico 1.

Gráfico 1 - O que pensa o entrevistado sobre a palavra Cabula



Fonte: Elaboração Própria. Pesquisa de Campo – Maio/junho 2014

É interessante perceber que o termo “lugar” foi usado na maioria das respostas para classificar a palavra “Cabula”, o que denota um alto nível de afetividade para com o bairro. De acordo com Tuan (1983, p. 6), lugar é o “que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Buscou-se o cruzamento entre essa relação afetiva com o bairro e o tempo de moradia, com isso evidenciou-se que a referência de “herança africana” ganhou maior representatividade apenas entre os moradores mais antigos, aqueles que residem “há mais de 41 anos”, com um percentual de 29% das respostas.

Esse dado mostra que a falta de inserção desses valores patrimoniais no tecido social do bairro, através de, por exemplo, políticas públicas para a cultura, reforça o distanciamento dos atores locais da identidade cultural. Falta uma política cultural que proteja de forma

³ Considerou-se o salário mínimo adotado no Brasil no ano de 2014 que era de R\$724,00.

satisfatória o patrimônio existente. É necessário um posicionamento frente a esse legado, para que não seja ainda mais pulverizado.

O cenário atual se traduz da seguinte forma: na medida em que o crescimento urbano atrai uma nova classe social para o Cabula, por exemplo, desconecta ainda mais o patrimônio cultural disponível aos moradores e reforça valores estéticos diferentes dos pertencentes à identidade étnica original do Cabula, pois contribui para a perda de importantes retratos da história do Brasil.

Em outros termos, os moradores mais antigos são, em sua maioria, os que trazem na memória os elementos identitários de matriz africana que já foi a principal característica do local. Ou seja, caso não haja uma política cultural eficiente, em breve, as memórias coletivas podem ser perdidas de uma geração para outra, daí a importância do patrimônio físico para colaborar com o fomento e incorporação dos valores culturais.

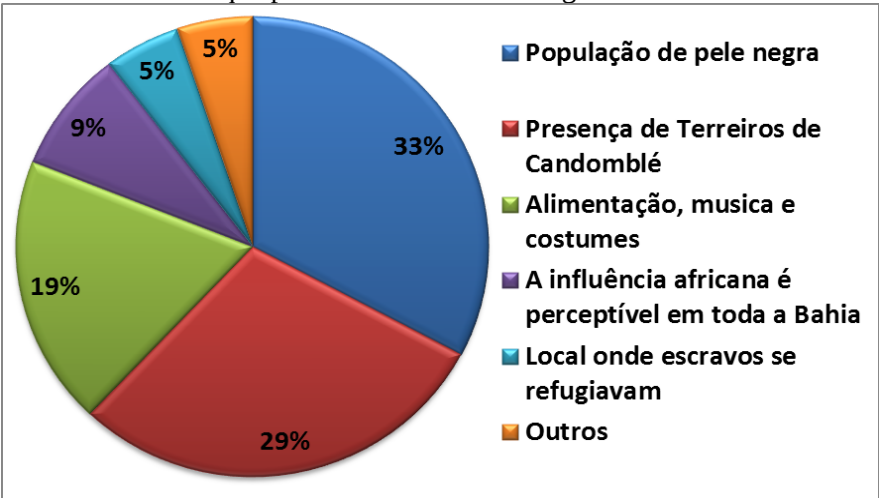
Nesse prisma, indagou-se ainda sobre o conhecimento que os moradores tinham sobre a história do bairro, porém a informação que a maioria deles tem é superficial, ao serem questionados “Você se considera conhecedora da história local do bairro?”, (70%) dos entrevistados responderam que “Não”. Ao avaliar este dado pela faixa etária, percebe-se que com o aumento da idade do entrevistado, maior era o seu nível de conhecimento sobre a história local.

A palavra “Cabula” é de origem africana e que inspira muitas manifestações culturais do bairro, por isso é representativa e elemento da identidade cultural. Os entrevistados foram questionados se “Sabiam a origem do nome Cabula?” e 84% responderam que “não” e 72 % dos entrevistados também não sabiam que o Cabula foi um importante quilombo no período escravocrata. Por isso, ao longo da pesquisa, confirmou-se a necessidade de investir no estoque de conhecimento dos moradores sobre essa história local.

O nível de conhecimento era muito pequeno e a percepção sobre os reflexos dessa herança africana também era baixa. Perguntados se “Percebiam alguma influência africana no bairro?” 84% dos entrevistados responderam negativamente, assim como ao serem perguntados sobre qual a iguaria típica do local, 52% elegeram o restaurante “Bacalhau do Firmino” (comida tipicamente europeia), não aparecendo nas respostas os pratos típicos da culinária baiana e de influência africana, que são muito comercializados e oferecidos em festas populares dos terreiros de candomblé do bairro e em outros estabelecimentos.

Por outro lado, os 16% que afirmaram perceber essa influência africana, justificaram a sua resposta citando a presença marcante de “População de pele negra” (33%), a existência de “Terreiro de Candomblé” (29%) e “Alimentação, Música e Costumes” (19%), “A influência africana é perceptível por toda Bahia (9%)”, “Local onde escravos se refugiavam” (5%) e Outros (5%), sendo que 79% dos entrevistados consideram que os terreiros de Candomblé importante patrimônio cultural da Cidade.

Gráfico 2 - Forma que percebe influência de origem africana no bairro

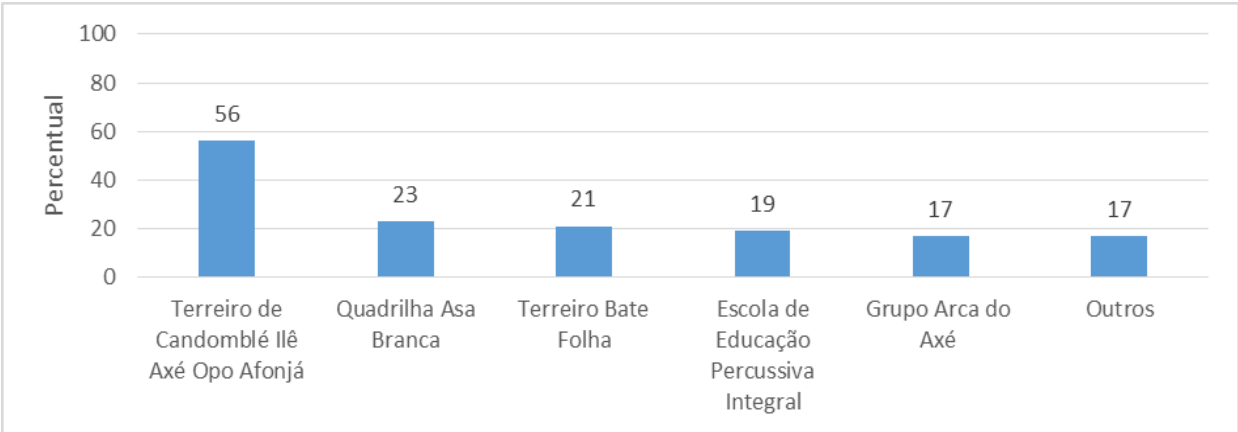


Fonte: Elaboração Própria. Pesquisa de Campo – Maio/junho 2014

Ao serem provocados sobre uma estreita relação com os elementos de origem africana, 57% dos entrevistados afirmaram que “Gostariam de trabalhar com o patrimônio cultural de origem africana disponível no seu bairro”. Os motivos para tal interesse são variados: “Gostam do tema” (33%), “Ajudar a comunidade” (22%), “Melhorar a renda” (20%), “Expandir o conhecimento” (11%) dentre outros.

A respeito da cultura local, 77% dos entrevistados disseram conhecer alguma “manifestação e patrimônio cultural do bairro”, sendo que ao especificarem o patrimônio que conheciam, a maioria indicou o “Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opo Afonjá” (56%), depois a “Quadrilha Asa Branca” (23%), seguido pelo Terreiro Bate Folha (21%), Escola de Educação Percussiva Integral (EEPI) (17%) e o Grupo Arca do Axé (17%), conforme mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 - Patrimônios culturais do bairro conhecidos



Fonte: Elaboração Própria. Pesquisa de Campo – Maio/junho 2014

Sendo assim, o fato do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opo Afonjá ser o patrimônio mais conhecido do bairro e ser tombado como patrimônio cultural, reforça a relevância de uma política pública para o segmento. Nos relatos, os moradores destacaram conhecê-lo pelo porte das festas, pela presença de pessoas ilustres no terreiro, pela estrutura da sua escola

municipal e outros fatores que estão relacionados diretamente com a viabilidade dada pela política de tombamento.

Em princípio podemos afirmar que eles poderiam despertar uma maior conexão entre seu conteúdo e a comunidade. Atualmente, a maioria dos bens culturais é visto como elementos materiais que ocupam um espaço na paisagem do bairro, mas seu significado imaterial não é incorporado pela comunidade. A prova disso é que ao perguntarmos sobre a “participação desses outros bens na dinâmica local”, 56% dos entrevistados afirmaram que essa participação existe, mas não souberam especificar de que forma, confirmando a ideia de que fisicamente eles são reconhecidos, mas não incorporam valores sociais ao cotidiano das pessoas.

Apesar disso, quando indagados a despeito do nível de pertencimento 86% dos entrevistados responderam que se sentem pertencentes aquela realidade, enquanto que entre os moradores mais antigos, esse sentimento é compartilhado pela totalidade da amostra.

Conclusão

O levantamento do patrimônio cultural de origem africana existente no Cabula realizado neste estudo mostra que a história de luta e resistência dos povos da diáspora em Salvador ainda se encontra materializada enquanto práticas religiosas, culturais, rítmicas e artísticas, embora elas não sejam percebidas e reconhecidas pela maioria dos seus moradores e, conseqüentemente, não exerçam grande influência no cotidiano do bairro.

A falta de políticas de preservação e educação patrimonial e a dinâmica do crescimento urbano sob a égide da lógica capitalista contribuíram igualmente para essa realidade, principalmente quando se constata que as decisões sobre a configuração do território são baseadas em interesses econômicos, em detrimento dos aspectos de identidade, cultura e patrimônio.

A cidade demonstra tal comportamento através das prioridades apresentadas na sua gestão cultural. Atualmente, em Salvador, a maior referência em patrimônio cultural material é o seu Centro Histórico. Um local de importância inquestionável para a formação histórica e cultural, que concentra bens tombados de origem portuguesa, com influências arquitetônicas como a do barroco e de diversos outros movimentos europeus e com inúmeras igrejas católicas. Portanto, sob uma dita “organização”, por parte de quem administra a cidade, as decisões são tomadas, cada vez mais, priorizando essas áreas em detrimento de outras. Isso refletiu na ineficiente proteção cultural do bairro do Cabula somada a superposição de novos padrões urbanos ligados ao capital imobiliário dominante.

A partir daí, sinaliza-se para a necessidade de participação das políticas públicas culturais no processo de manutenção da história viva, o que não se configura em uma realidade atual na cidade do Salvador. Se não houver um apoio mais concreto de uma política cultural inclusiva (e não apenas focada em bens ligados a áreas como o centro histórico da Cidade) esse legado estará sujeito a se perder ainda mais com o tempo e com o intenso processo de urbanização por que passa essa metrópole.

O cenário atual é de elementos de origem africana pouco “reconhecidos” no Cabula e uma dicotomia identitária entre os moradores antigos e novos. Enquanto os primeiros conseguem identificar a “herança africana” com maior representatividade, os mais novos não fazem essa relação, já que ocuparam o bairro quando a cultura africana já havia sido pulverizada na heterogenia urbana do Cabula.

Sinaliza-se, contudo, a necessidade de aumentar o estoque de conhecimento dos moradores sobre a história local, que é baixo, já que 72 % dos entrevistados também não sabiam que o Cabula foi um importante quilombo no período escravocrata e 84% disseram “não” perceber influência africana no local. Observa-se que as transformações para reverter esse quadro passarão pelas formas de convivência, de agir e pensar, da criação de novas estruturas e da atribuição de novas funções aos fluxos e fixos⁴ já existentes. Hoje os bens sobrevivem simplesmente como elementos constituintes do bairro, mas não são associados à história de formação da Cidade e nem incorporados pelo modo de vida local.

O Cabula, com essa dimensão cultural, pode traduzir em práticas concretas e democráticas as transformações necessárias para o fortalecimento da pluralidade cultural, como também de novas alternativas de produção cultural em Salvador e da concretização das relações entre patrimônio e comunidade. Ao pensarmos nesses bens culturais presentes no local é indiscutível que eles demonstram uma forte ligação entre Brasil e África e, por conseguinte, a existência de uma pluralidade cultural própria da Cidade e que precisa ser utilizada efetivamente em benefício social.

Entretanto, se essa pluralidade não for protegida (política pública), sistematizada (estudos e pesquisa na área), incorporada (relação com a comunidade) e transformada (utilizar seu potencial endógeno para a comunidade) em um elemento dinâmico do espaço urbano, ela estará sujeita a se perder com o passar do tempo.

É fundamental aumentar o nível de interação entre os atores locais e os elementos que compõem o bairro para que a identidade local deixe de ser genérica. A identidade forma-se a partir da identificação, a identificação forma-se a partir da aproximação entre as partes e a aproximação entre as partes precisa ser direcionada, com senso de valorização e criando possibilidades de sociabilidade.

Referências

ABADIA, Lília. **A identidade e o patrimônio negro no Brasil**. Lisboa: Universidade de Lisboa. 2010. p. 52.

ARAÚJO, Priscila Gomes de, *et. al.* **Gestão social de bens culturais no Brasil: desafios e perspectivas**. Lavras, 2011. vol. 9., nº 4.

BOGÉA, K. B. S. R. **Centro Histórico de São Luis Patrimônio Mundial**, São Luís. 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. Definiciones em transición. In: MATO, Daniel (org). **Estúdios latinoamericanos sobre cultura e transformaciones sociales em tiempos de globalización**. Buenos Aires, Clacso, 2001.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo. UNESP: 2001.

⁴ Importante expressão da geografia (fixos e fluxos) de autoria do geógrafo Milton Santos. Para mais ver a obra: SANTOS, Milton. **Por uma geografia das redes**. In: A NATUREZA do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, Rosali Braga. **Las políticas de la vivienda en la ciudad de Salvador y los procesos de urbanización popular en el caso del Cabula**. 1. ed. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

FERREIRA, M. L. M. **Patrimônio**: discutindo alguns conceitos. *Diálogos*, 10(3). 2006. p. 79-88.

GOMES, Carlos Alberto Costa. **Entrevista I**. [mar. 2014]. Entrevistador: Paulo Henrique Oliveira Silva. Salvador, 2014. 1 arquivo.mp3 (60 min.).

GOUVEIA, Anneza Tourinho de Almeida. **Um olhar sobre o bairro**: aspectos do Cabula e suas relações com a cidade de Salvador. 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Da Bahia. Instituto de Geociências. Salvador, 2010.

MAGNAVITA, Maria das Graças. Possibilidades de Lazer como Fator de Atração Turística em Destinos Turísticos Culturais – O Exemplo Salvador. In. ARAÚJO, Irlândia Ramos de (Orgs). **Hospitalidade Contribuições, Reflexões e Tendências**. Salvador: Editora FIB, 2007.

NICOLIN, Janice de Sena. **Arte bagaço odeart**: ecos que entoam a mata africano-brasileira do Cabula. 2007. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus I, Salvador, 2007.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do Levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS. Maria Elisabete Pereira, *et al.* (Orgs.). **O caminho das águas em Salvador**: bacias hidrográficas, bairros e fontes. 1 ed. Salvador: Ciags/Sema, 2010, v. 01, p. 1-486.

SILVA, Paulo Henrique Oliveira. **Cabula: um patrimônio disfarçado de Bairro – possibilidades de desenvolvimento territorial através de abordagens participativas do turismo**. 2014 (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) – Universidade Salvador, Salvador-BA.

_____. **Escola de educação percussiva integral**: um exemplo de produção cultural no Cabula. Salvador, 2010 . Monografia (Graduação em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Estado da Bahia.

SOARES, Marília Carvalho. **Relações raciais e subjetividade de crianças em uma escola particular na cidade de Salvador**. 2011. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983. p. 250.

The interfaces between african cultural heritage the neighborhood Cabula in Salvador-BA and the prospect of its residents

Abstract

Salvador is known as the largest African city outside Africa. The current district of Cabula was an important quilombo of the city of Salvador in the slavery period and still presents effects of this occupation that deserves to be studied. This article is the result of a research that aimed to identify the African origin cultural heritage in the neighborhood and analyze how it is present in the community daily life. Therefore, we used the procedures of bibliographical research and survey. It started from the assumption that the cultural heritage in question must be intended for community enjoyment and inserted into its everyday life. However, it was concluded that African cultural heritage present in Cabula is not recognized or valued by residents of the neighborhood, a fact that is reinforced by the absence of public policies that incorporate this type of heritage and a segregated urbanization process. This research contributes to propose new perspectives on urban and cultural reality of Salvador, by strengthening their cultural memory linked to the heritage of African origin.

Keywords: *Cabula Culture, Heritage, African Heritage*

Artigo recebido em 08/11/2015. Aceito para publicação em 26/02/2016